

CARACTERIZAÇÃO DO SECTOR SECUNDÁRIO EM PORTUGAL (PARTE I)

Presentemente, o país está a iniciar um novo ciclo económico, depois de um período económico-financeiro muito exigente, colocando-se a necessidade de dinamizar os sectores produtivos nacionais. A crise veio mostrar, com maior pertinência, as tendências da actividade económica em Portugal nas últimas décadas: **concentração da actividade económica no sector terciário; redução da actividade nos sectores produtivos de bens transaccionáveis; fragilidades ao nível da competitividade; falta de diversificação das indústrias; etc.** Embora, no período mais recente o peso do sector e actividades transaccionáveis tenha vindo a aumentar, invertendo a tendência anterior, o sector secundário continua a evidenciar uma reduzida representatividade na actividade e no emprego. É neste contexto que surge esta nota, havendo necessidade de uma política industrial que dinamize as diferentes actividades. Evolução tecnológica e investimento em inovação são cruciais, assim como facilidades logísticas que facilitem o escoamento dos produtos (com a ferrovia incipiente, o transporte rodoviário tornou-se líder). As empresas industriais devem prosseguir o investimento na modernização dos processos produtivos, na inovação, no alargamento de mercados (aumento das exportações) e em práticas mais assertivas para alcançarem com sucesso os seus objectivos. Acrescem especificidades decisivas que assegurem uma melhor indústria: identificação de clusters e de produtos âncora; acesso ao crédito a custos razoáveis (melhoria do ranking da República Portuguesa é fundamental); matérias-primas e energia com custos semelhantes aos parceiros europeus; menos burocracia e uma justiça mais célere.

1. VALOR ECONÓMICO E SOCIAL DO SECTOR E O AMBIENTE ECONÓMICO

Valor Acrescentado Bruto (base=2011)

milhões de euros

	Total	Agric., silvicult. e pesca	Indúst.	Energia, água e saneamento	Construção	Comércio e repar. de veíc., aloj. e rest.	Transp. e armaz., activ. de inform. e comunic.	Activ. financ., de seguros e imob.	Outras activ. de serviços
2010	158,325.9	3,463.4	21,536.1	5,058.1	9,225.8	28,658.4	13,176.1	27,219.7	49,988.4
2011	154,242.8	3,208.7	20,609.3	4,978.3	8,464.5	29,080.4	12,887.9	27,404.3	47,609.3
2012	147,361.6	3,211.7	19,801.9	5,189.4	7,171.3	29,071.2	12,360.9	26,691.8	43,863.2
2013	149,768.4	3,542.0	20,249.4	5,150.1	6,751.1	29,492.0	12,438.4	26,828.4	45,317.1
2014*	151,714.0	3,528.5	20,699.4	5,180.4	6,808.1	30,025.9	12,634.7	27,301.8	45,535.2
peso em %									
2010	100.0%	2.2%	13.6%	3.2%	5.8%	18.1%	8.3%	17.2%	31.6%
2011	100.0%	2.1%	13.4%	3.2%	5.5%	18.9%	8.4%	17.8%	30.9%
2012	100.0%	2.2%	13.4%	3.5%	4.9%	19.7%	8.4%	18.1%	29.8%
2013	100.0%	2.4%	13.5%	3.4%	4.5%	19.7%	8.3%	17.9%	30.3%
2014	100.0%	2.3%	13.6%	3.4%	4.5%	19.8%	8.3%	18.0%	30.0%

Fonte: Pordata, Banco BPI.
Notas: *valores previstos.

População empregada: total e por sector de actividade económica

milhares de pessoas

	Total	Primário	Secundário	Terciário
2010	4,898.4	548.1	1,327.3	3,023.0
2011	4,740.1	483.9	1,272.9	2,983.2
2012	4,546.9	491.4	1,143.5	2,912.0
2013	4,429.4	453.1	1,049.7	2,926.6
2014	4,499.5	389.1	1,073.5	3,036.9

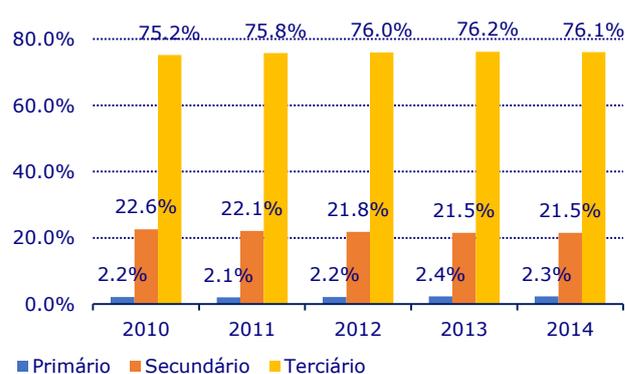
peso em %

	Total	Primário	Secundário	Terciário
2010	100.0%	11.2%	27.1%	61.7%
2011	100.0%	10.2%	26.9%	62.9%
2012	100.0%	10.8%	25.1%	64.0%
2013	100.0%	10.2%	23.7%	66.1%
2014	100.0%	8.6%	23.9%	67.5%

Fonte: Pordata, Banco BPI.

VAB por sector de actividade (base=2011)

(% do total)

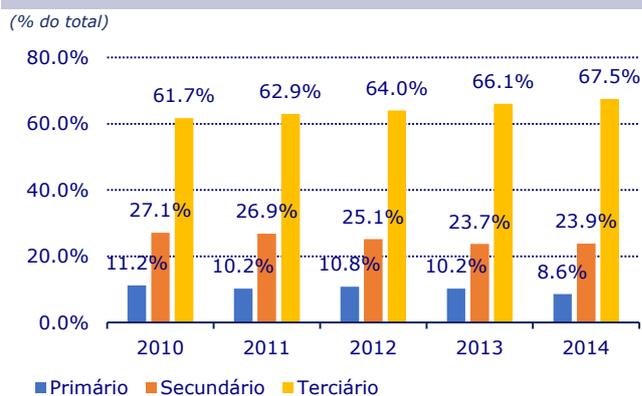


Fonte: Pordata, Banco BPI

OPINIÃO

Através dos dados dos últimos anos, é fácil concluir que à medida que a actividade económica em Portugal se foi terciarizando, a indústria foi perdendo importância económica e social. Em termos de VAB, do total de 152 mil milhões de euros em 2014, 21.5% correspondeu ao sector secundário (13.6% da Indústria; 4.5% da Construção; 3.4% da Energia, Água e Saneamento), numa continuada tendência decrescente (-9% de 2010 a 2014). Do mesmo modo, em termos de emprego, o sector secundário viu reduzir de forma expressiva a mão-de-obra utilizada. Em 2014, de um total de 4.5 milhões de indivíduos empregados, 23.9% trabalhavam no sector secundário. Embora tenha estabilizado a diminuição do número de trabalhadores no último ano, de 2010 a 2014 foram destruídos 19% dos empregos do sector (cerca de 254 mil postos de trabalho).

Emprego por sector de actividade

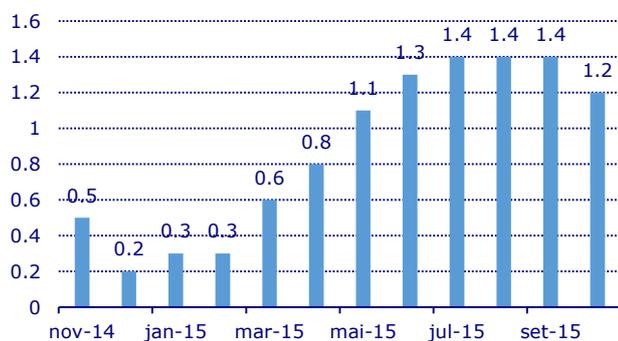


Entretanto, o ambiente económico e de negócio do país evoluiu de forma mista nos anos mais recentes. Nalguns aspectos verificou-se uma evolução positiva, mas houve outros que foram condicionados pelo período de crise e de austeridade que atravessou o país.

Se escolhermos o índice de confiança no negócio, verifica-se uma crescente melhoria do sentimento dos empresários (embora tenha decrescido ligeiramente em Outubro), que se encontra próximo da média dos últimos 25 anos. Por outro lado, ao nível do índice de competitividade (*World Economic Forum*), depois de uma descida de "patamar" (chegou ao mínimo de 4.37 em 2011) e de uma posterior estabilização, registou uma forte recuperação para 4.54, bem superior aos valores que ocorriam exactamente antes da crise de 2007, iniciada nos EUA.

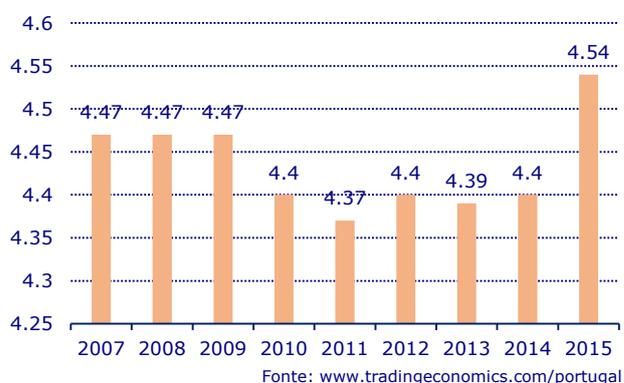
Indicador de confiança no negócio (var. índice em %)

(média 1989-2015=1,34; máx.5,0 em Fev1989; mín.-4,20 em Fev2012)



Índice de Competitividade (*World Economic Forum*)

(média entre 2007-2015=4,43 pontos)

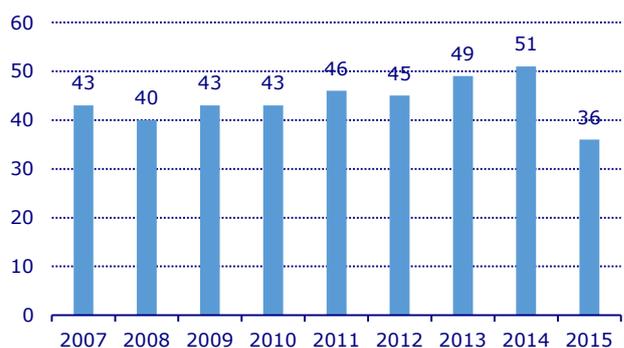


Em reflexo dessa evolução, no *ranking* mundial da competitividade (*World Economic Forum*) Portugal ganhou bastantes lugares, tendo passado da 51ª posição em 2014 (a pior dos últimos anos) para o 36º lugar em 2015 (o melhor num largo período). Recorde-se que o lugar médio entre 2007 e 2015 se situa na 44ª posição.

No que respeita ao *Doing Business*, o país tem-se mantido no 23º lugar (de acordo com o *ranking* de 189 países), à frente da média dos países de rendimento mais elevado da OCDE (25º), da França (27º), Espanha (33º), Itália (45º), Grécia (60º), por exemplo. Contudo, verificou-se uma ligeira degradação de alguns aspectos, nomeadamente um ligeiro agravamento das condições de criação de empresas e obtenção de licenças de habitação, para além da protecção dos pequenos investidores e da obtenção de crédito. Inversamente, o acesso à energia melhorou.

Ranking da Competitividade (*World Economic Forum*)

(média entre 2007-2015=44º lugar em 144 países)

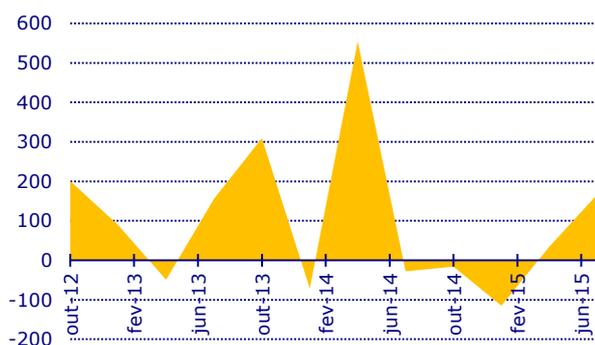


Ao nível das existências tem-se verificado uma menor acumulação, e mesmo algumas faltas, que exigem uma resposta mais pronta e adequada da indústria nacional. De facto, deverá procurar-se e/ou reforçar-se a aposta em produtos transaccionáveis de elevado valor acrescentado, com recurso à tecnologia e às novas tendências de design, de modo a colocar (ou recolocar) a indústria portuguesa dentro dos exigentes mercados internacionais, espalhados pelos cinco continentes.

Sem a actualização do sector secundário em relação às principais tendências internacionais, assim como a adopção das melhores práticas seguidas pelo sector e uma maior qualificação dos recursos humanos, não se conseguem obter padrões elevados de produtividade. A modernização do sector através de renovado investimento e da introdução de novos métodos e práticas pretende exactamente tornar o país mais produtivo e mais competitivo.

Variação de existências (valor trimestral)

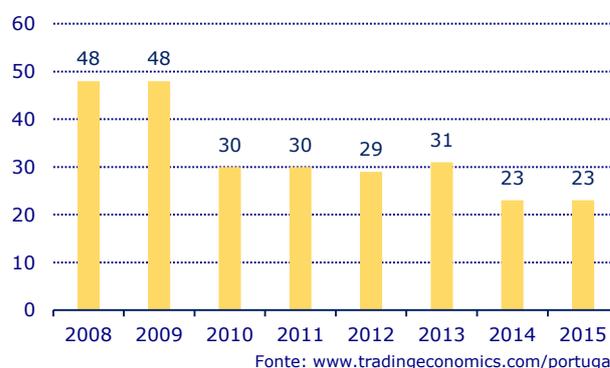
(milhões de euros; média das variações 1995-2015=127,76 milhões de euros)



Fonte: www.tradingeconomics.com/portugal

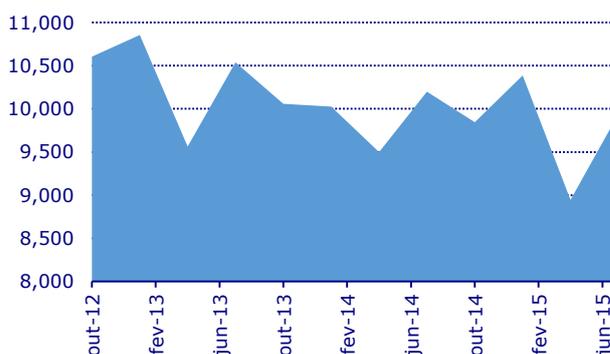
Facilidade de Doing Business em Portugal (World Bank)

(ranking de países; Portugal - média entre 2008-2015=32,75)



Evolução das exportações do sector secundário (valor trimestral)

(milhões de euros)



Fonte: INE

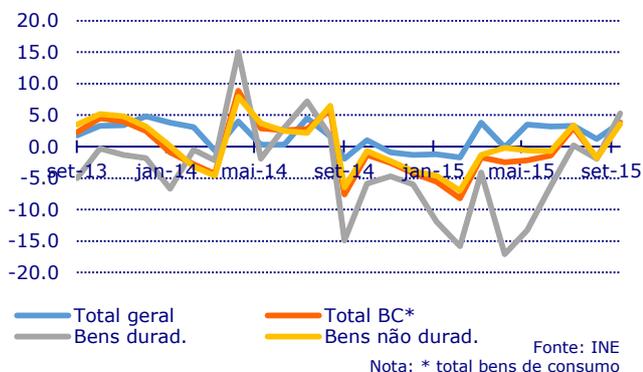
Aspecto relevante é o facto de as existências terem diminuído no último ano, possivelmente em resultado de uma gestão mais activa, que procura aumentar a eficiência e limitar custos, que praticamente coincidiu com o aumento das vendas ao exterior. **Por outro lado, o esforço de internacionalização da indústria portuguesa nos últimos anos tem-se apresentado crucial para a sobrevivência e sucesso das empresas portuguesas.** Esta nova dinâmica resultou de uma reacção à contracção da economia internacional e da introdução de uma estratégia de desenvolvimento, acompanhada pelo Estado, que visava uma maior penetração da produção nacional no estrangeiro e o robustecimento de empresas com alto potencial de desenvolvimento. Comprovadamente, a internacionalização é acompanhada por dimensão, produtividade e capacidade de inovação. A ligação Europa-África-Brasil tem permitido a construção de relações comerciais relevantes no processo de internacionalização, havendo uma diversificação de mercados de destino das exportações.

OPINIÃO

2. EVOLUÇÃO DOS DADOS MAIS RECENTES

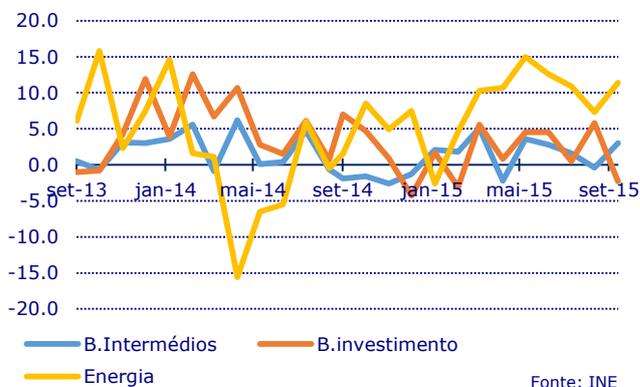
Índice de Produção Industrial - ajustado dos efeitos de calendário e da sazonalidade

(variação homóloga, %, base 2010=100)



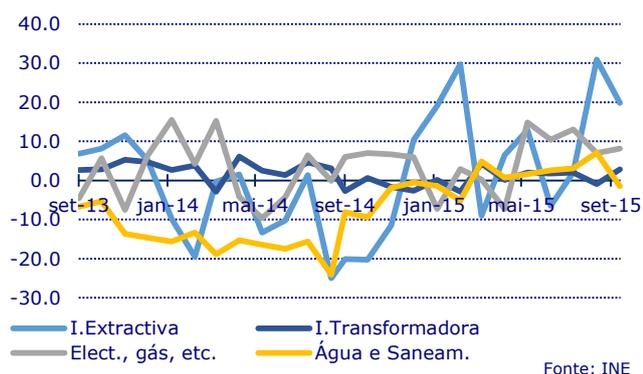
Índice de Produção Industrial - ajustado dos efeitos de calendário e da sazonalidade

(variação homóloga, %, base 2010=100)



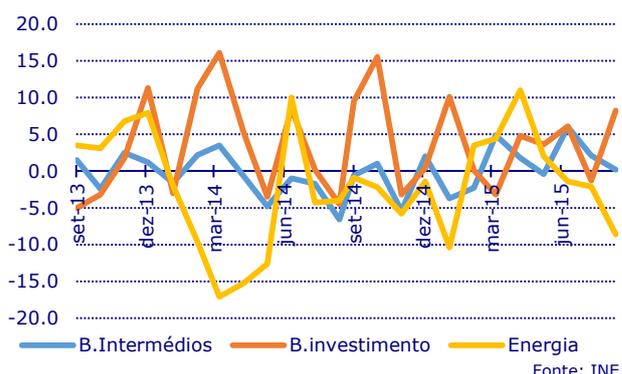
Índice de Produção Industrial - ajustado dos efeitos de calendário e da sazonalidade

(variação homóloga, %, base 2010=100)



Índice de volume de negócios da indústria

(variação homóloga, %, base 2010=100)

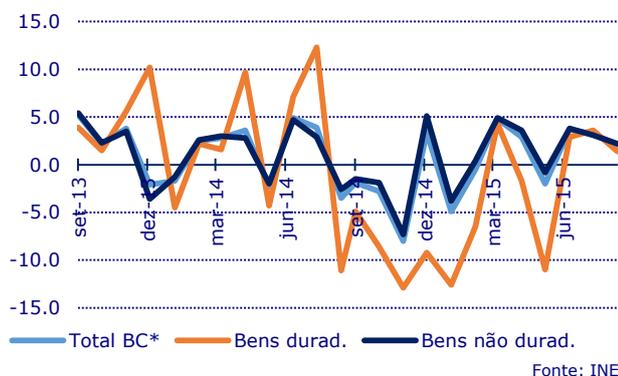


Segundo os dados mais recentes, divulgados pelo INE, o índice de produção industrial acelerou, tendo apresentado uma variação homóloga de 3.8% em Setembro (1.2% em Agosto). No 3ºT2015, o índice agregado aumentou 2.7% face ao trimestre homólogo (no trimestre anterior, esta variação tinha sido de 2.2%). O sector "Energia" apresentou o contributo mais expressivo para a variação do índice agregado, em resultado de uma variação homóloga de 11.4% (7.3% em Agosto). Os agrupamentos de "Bens de Consumo" e de "Bens Intermédios" apresentaram contributos importantes, devido a taxas de variação de 3.8% e de 3.0%, respectivamente (variações negativas no mês anterior). Os "Bens de Investimento" registaram uma variação de -2.3% em Setembro, depois de +5.8% em Agosto. Há excepção da "Água e Saneamento", as "Indústrias Extractivas", as "Indústrias Transformadoras" e a "Electricidade, Gás, Vapor, etc." registaram boas prestações mensais.

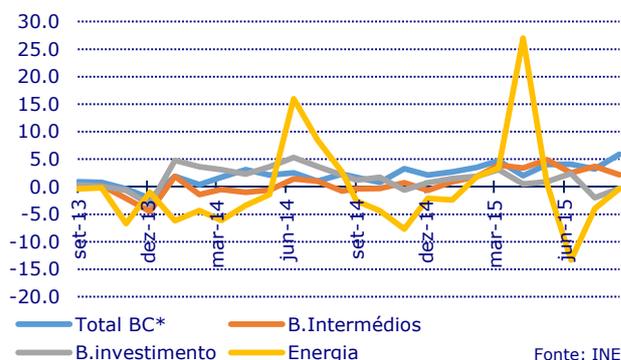
Em termos de índice agregado, a referida variação homóloga de 2.7% no 3ºT2015 (2.2% no anterior) resultou de taxas de variação positivas em todos os grandes agrupamentos industriais, destacando-se a "Energia" com uma variação trimestral de 9.9% (12.8% no 2ºT). Por áreas, as "Indústrias Extractivas" apresentaram uma variação trimestral de 16.9% (3.9% no 2ºT), seguindo-se a "Electricidade, Gás, Vapor, etc." com 9.3% (5.7% no trimestre anterior) e as "Indústrias Transformadoras" com 1.3% (variação semelhante à ocorrida no 2ºT).

Índice de volume de negócios da indústria

(variação homóloga, %, base 2010=100)

**Índice de remunerações na indústria**

(variação homóloga, %, base 2010=100)

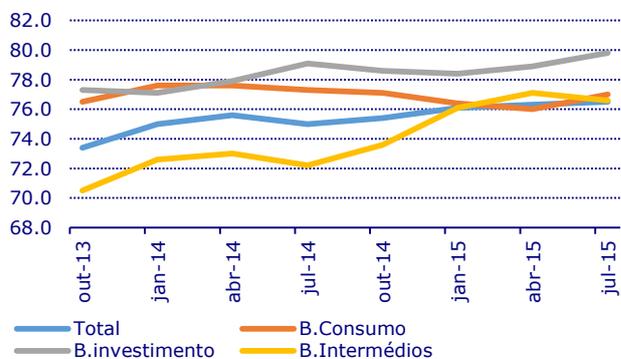


No que respeita à evolução do índice de volume de negócios na indústria verificam-se variações positivas nos últimos meses, dando consistência à evolução: no "Total de Bens de Consumo" as variações homólogas foram de +3.2% em Julho e de +2.1% em Agosto; nos "Bens Duradouros" foram de +3.6% e +1.4%, respectivamente; nos "Bens Não Duradouros" o registo foi de +3.1% e de +2.2%, respectivamente. Já no que se refere às remunerações na indústria, destaca-se a variação positiva e consistente dos "Bens de Consumo", +3.2% em Julho e +5.9% em Agosto e dos "Bens Intermédios", com +3.7% em Julho e +2.2% em Agosto. As remunerações auferidas pelos "Bens de Investimento" e pela "Energia" foram negativas, reflectindo a actual envolvente interna e externa.

No que respeita à taxa de utilização da capacidade produtiva (inquéritos de conjuntura do INE) verifica-se igualmente uma tendência de subida, tanto em termos do total da indústria transformadora (76.5% em Julho), como em relação aos "Bens de Investimento" (79.8% em Julho) e aos "Bens Intermédios" (76.6%). Os "Bens de Consumo", por seu turno, têm tido uma certa estabilidade abaixo dos 78%.

Taxa de utilização da capacidade produtiva

(%)



OPINIÃO

3. A IMPORTÂNCIA DAS DIFERENTES ACTIVIDADES

Em 2013, o sector secundário empregava cerca de 994 mil pessoas, menos 193 mil que em 2010 (-16%). Em termos globais, representa perto de 29% do total do volume de emprego. Por áreas de actividade, as “Indústrias Transformadoras” são líder com um peso de 18.3%, seguindo-se a grande distância a “Construção” com 8.8%, a “Electricidade, gás e água” com 1.1% e as “Indústrias Extractivas” com 0.3%.

Cada empresa emprega em média 10 trabalhadores, encontrando-se as “Indústrias Transformadoras” e as “Indústrias Extractivas” próximo do valor médio global, com 9.6 e 8.3 trabalhadores, respectivamente. Em contrapartida, em média, a “Electricidade, gás e água” têm um valor bem superior, 18.1. A área da “Construção” apresenta o valor médio de trabalhador por empresa mais baixo, 3.8.

Em termos da realidade do emprego do sector na União Europeia, o peso relativo da mão-de-obra é muito semelhante à média dos países que a compõem. A diferença mais visível refere-se à área da construção que, em 2008, detinha 10.5% do emprego (a média da UE28 era de 8.4%), tendo rapidamente corrigido para 6.1% (também a média na UE28 baixou para 6.8%).

Emprego nas empresas: total e por sector de actividade económica

	Total	Agric., prod. animal, caça, silvicult. e pesca	Indúst. extract.	Indúst. transform.	Electrec. gás e água	Const.	Com. p/grosso e a retalho (...)	Transp. e armaz.	Alojamento, restauração e similares	Activ. financ. e de seguros	Activ. imob.	Educação	Activid. de saúde humana e apoio social	Outros sectores
2010	3,844,033	104,453	11,804	690,976	39,449	444,669	812,944	160,685	293,071	116,545	54,081	105,998	148,033	861,325
2011	3,741,810	108,249	11,352	679,182	40,288	403,575	794,138	157,972	290,128	114,171	51,190	101,920	150,617	839,028
2012	3,511,719	106,015	10,297	647,947	39,747	340,913	747,594	150,267	272,957	110,538	46,985	94,941	149,303	794,215
2013	3,480,731	160,959	9,628	637,427	38,858	307,907	723,488	147,757	265,694	107,213	45,299	91,749	150,020	794,732
%;	100.0%	4.6%	0.3%	18.3%	1.1%	8.8%	20.8%	4.2%	7.6%	3.1%	1.3%	2.6%	4.3%	22.8%
2013														
a percentagem do total de trabalhadores do sector secundário é de 28,6%														
nº de trabalhadores por empresa														
2013	3.1	1.5	8.3	9.6	18.1	3.8	3.2	6.6	3.2	4.9	1.6	1.7	1.8	2.3
valor médio = 9,9 trabalhadores														

Fonte: Pordata, Banco BPI

População empregada por sector de actividade económica (NACE Rev.2)

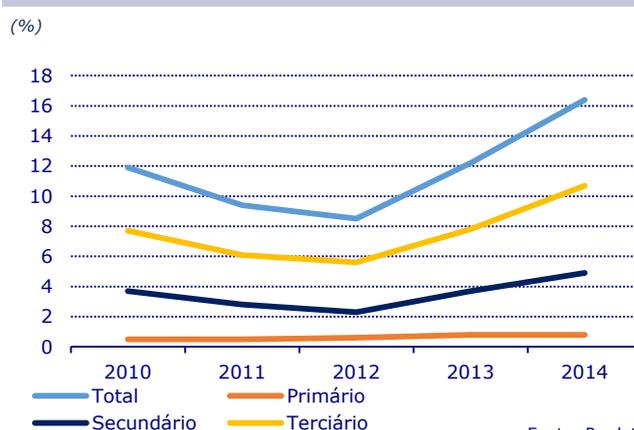
	Total		Indústrias extractivas		Indústrias transformadoras		Abastecimento de electric., gás, vapor e ar condicionado		Abastecimento de água, rede de esgotos, ...		Construção	
	2008	2014	2008	2014	2008	2014	2008	2014	2008	2014	2008	2014
UE-28	100	100	0.4	0.4	17.1	15.4	0.7	0.7	0.7	0.8	8.4	6.8
Alemanha	100	100	0.3	0.2	21	19.6	0.8	0.8	0.6	0.6	6.7	6.9
Espanha	100	100	0.3	0.2	14.6	12.3	0.4	0.5	0.6	0.7	12	5.7
Portugal	100	100	0.3	0.3	17	16.4	0.4	0.3	0.7	0.7	10.5	6.1
Reino Unido	100	100	0.4	0.4	11.3	9.8	0.5	0.6	0.7	0.7	8.9	7.3
França	100	100	0.1	0.1	14.4	12.3	0.6	0.8	0.7	0.7	7.4	6.6

Fonte: Eurostat

Nas ofertas de emprego, em termos de média anual, tem vindo a consolidar-se uma tendência de subida desde 2012. De um total de 16.4% (valor mais alto dos últimos anos), 10.7% referem-se ao sector secundário, 4.9% ao sector secundário e 0.8% ao sector primário.

O sector secundário abarca 13.5% do total de empresas que exercem a sua actividade em Portugal. A proporção também varia segundo a área de actividade. Se as “Indústrias Transformadoras” detinham a maior percentagem de mão-de-obra, ao nível das empresas, a “Construção” representa mais de metade das empresas, 7.3% dos 13.5%. As “Indústrias Transformadoras” constituem 5.9%, seguindo-se a “Electricidade, gás e água” com 0.2% e as “Indústrias Extractivas” com 0.1%.

Ofertas de emprego (média anual) nos centros de EFP: total e p/sector de activ. económica – Continente



Fonte: Prodata

Entretanto, entre 2010 e 2013 desapareceram 29 838 empresas (mais de 16%). Mais de 80% deste valor são empresas da área da “Construção”. Os restantes 20% representam empresas das “Indústrias Transformadoras”. Só a área da “Electricidade, gás e água” gerou novas empresas, cerca de trezentas.

Empresas: total e por sector de actividade económica

	Total	Agric., prod. animal, caça, silvicult. e pesca	Indúst. extract.	Indúst. transform.	Electrec. gás e água	Const.	Com. p/grosso e a retalho (...)	Transp. e armaz.	Alojamento, restauração e similares	Activ. financ. e de seguros	Activ. imob.	Educação	Activid. de saúde humana e apoio social	Outros sectores
2010	1,168,265	53,798	1,323	72,273	1,843	105,463	251,463	24,156	85,964	23,701	29,566	65,325	82,897	370,493
2011	1,136,256	56,559	1,261	70,625	1,973	97,980	243,873	23,750	85,802	23,554	28,983	61,683	83,323	356,890
2012	1,086,915	56,468	1,176	67,485	2,087	87,592	232,625	22,882	83,861	22,616	28,435	56,802	81,883	343,003
2013	1,119,447	107,974	1,157	66,423	2,149	81,335	226,644	22,396	82,211	21,955	28,298	55,354	81,530	342,021
%;	100.0%	9.6%	0.1%	5.9%	0.2%	7.3%	20.2%	2.0%	7.3%	2.0%	2.5%	4.9%	7.3%	30.6%

peso das empresas do sector secundário face ao total é de 13,5%

Fonte: Pordata, Banco BPI

Se a análise incidir sobre a remuneração dos trabalhadores por conta de outrem, com base nos dados recolhidos conclui-se que o valor médio do sector secundário foi de 1226 euros, em 2013, um valor que rivaliza com áreas bem remuneradas dos serviços e acima dos 911.5 euros, valor médio do total dos sectores de actividade. Contudo, a remuneração no sector secundário não é de todo homogénea: a área da “Electricidade, gás e água” auferiu o valor médio mensal de 2337.7 euros (este valor é envidado dadas as altas remunerações das classes de dirigentes neste tipo de empresas e à baixa representatividade das *utilities* no total das empresas existentes), o montante mais alto dentro das diversas áreas de actividade do país; as “Indústrias Transformadoras” apresentam uma remuneração mais baixa no sector secundário, 838.8 euros, que contrasta com a alta representatividade económico-social desta actividade; a área da “Construção” auferiu o salário médio mensal mais baixo do sector, 806.5 euros.

Entretanto, entre 2010 a 2013 verificaram-se aumentos de remuneração que, igualmente não foram homogéneos nas várias áreas do sector. A “Electricidade, gás e água” registou um aumento de 22%, enquanto as “Indústrias Extractivas” verificaram uma variação de 6.8%, as “Indústrias Transformadoras” de 1.9% e, por fim, a “Construção” com 1.6%.

Remuneração base média mensal dos trabalhadores por conta de outrem: total e por sector de actividade económica

	Total	Agric., prod. animal, caça, silvicult. e pesca	Indúst. extract.	Indúst. transform.	Electrec. gás e água	Const.	Com. p/grosso e a retalho (...)	Transp. e armaz.	Alojamento, restauração e similares	Activ. financ. e de seguros	Activ. imob.	Educação	Activid. de saúde humana e apoio social	Organ. Int. e outras instít. extra-territoriais
2010	899.0	683.7	862.3	823.0	1916.1	793.6	847.7	657.8	1025.4	1569.2	902.0	1121.6	803.2	2147.9
2011	905.1	708.3	883.2	830.6	2241.4	796.5	857.6	664.9	983.7	1578.1	880.3	1112.4	809.9	1626.6
2012	914.1	708.2	912.6	835.8	2297.3	808.3	862.1	672.7	998.1	1578.6	897.3	1125.3	815.8	1975.5
2013	911.5	683.9	920.8	838.8	2337.7	806.5	858.4	671.7	993.7	1575.3	875.0	1133.3	821.4	1810.4

valor médio da remuneração do sector secundário em 2013 = 1226 euros

Fonte: Pordata, Banco BPI

Em termos de negócio das empresas ligadas às várias áreas de actividade, as “Indústrias Transformadoras” destacam-se com um peso relativo de 22.5% (79.4 mil milhões de euros), só ultrapassados pelos 33% do “Comércio por grosso e a retalho (...)”. Dentro do sector secundário, seguem-se a “Electricidade, gás e água” com 7.0%, a “Construção” com 5.5% e as “Indústrias Extractivas” com 0.3%. Globalmente, em 2013, o sector secundário representou 35.3% do volume de negócios das empresas. No entanto, entre 2010 e 2013 verificou-se uma quebra de perto 6% do negócio total, reflexo da quebra de 44% na “Construção” e de 15% nas “Indústrias Extractivas”. Inversamente, “Electricidade, gás e água” viu aumentar o negócio em 17% e as “Indústrias Transformadoras” em cerca de 5.5%.

Volume de negócios das empresas: total e por sector de actividade económica

	Total	Agric., prod. animal, caça, silvicult. e pesca	Indúst. extract.	Indúst. transform.	Electrec. gás e água	Const.	Com. p/grosso e a retalho (...)	Transp. e armaz.	Alojamento, restauração e similares	Activ. financ. e de seguros	Activ. imob.	Educação	Activid. de saúde humana e apoio social	Outros sectores
2010	394,533	4,734	1,163	75,326	21,078	34,863	131,887	17,699	9,943	45,449	5,878	1,725	6,022	38,765
2011	384,427	4,955	1,169	80,166	23,282	29,122	125,852	17,988	9,769	43,381	4,730	1,613	5,959	36,441
2012	360,191	5,153	1,065	78,831	24,050	22,043	117,347	17,565	8,472	40,424	3,721	1,454	5,842	34,223
2013	353,413	5,548	989	79,429	24,750	19,496	116,785	17,520	8,425	36,080	3,729	1,401	5,881	33,381
%;	100.0%	1.6%	0.3%	22.5%	7.0%	5.5%	33.0%	5.0%	2.4%	10.2%	1.1%	0.4%	1.7%	9.4%

em 2013, o sector secundário representou 35,3% do total do volume de negócio

Fonte: Pordata, Banco BPI

Se a análise incidir sobre o Valor Acrescentado Bruto (VAB) das empresas, chega-se a uma conclusão semelhante à anterior: o sector secundário representou 35.1% do total das actividades, em 2013, destacando-se as “Indústrias Transformadoras” com uma representatividade de 20.7%, seguindo-se a “Electricidade, gás e água”

OPINIÃO

com 7.1%, a "Construção" com 6.8% e as "Indústrias Extractivas" com 0.5%. No que respeita à totalidade do sector secundário, entre 2010 e 2013 verificou-se uma diminuição do VAB em perto de 4.4 mil milhões de euros, ou seja, um quebra de 13.3%. Por áreas, sabe-se que o VAB da "Construção" registou uma queda de perto de 37.5%, seguindo-se as "Indústrias Extractivas" e "Indústrias Transformadoras" com contracções de 26.3% e 7.5%, respectivamente. A área a "Electricidade, gás e água" verificou um aumento do VAB de 8%.

Valor acrescentado bruto das empresas: total e por sector de actividade económica

	Total	Agric. prod. animal, caça, silvicult. e pesca	Indúst. extract.	Indúst. transform.	Electrec. gás e água	Const.	Com. p/grosso e a retalho (...)	Transp. e armaz.	Alojamento, restauração e similares	Activ. financ. e de seguros	Activ. imob.	Educação	Activid. de saúde humana e apoio social	Outros sectores
2010	95,436	1,125	582	18,078	5,331	8,806	17,067	6,315	3,969	10,640	1,862	974	2,942	17,743
2011	90,747	1,081	537	17,268	5,360	7,490	15,396	6,026	3,880	11,589	1,598	898	2,864	16,760
2012	83,170	1,119	474	16,317	5,657	6,019	13,906	5,769	3,138	10,245	1,336	823	2,766	15,601
2013	80,952	1,214	429	16,732	5,756	5,508	14,032	5,867	3,166	8,029	1,345	773	2,783	15,319
%; 2013	100.0%	1.5%	0.5%	20.7%	7.1%	6.8%	17.3%	7.2%	3.9%	9.9%	1.7%	1.0%	3.4%	18.9%

em 2013, o VAB das empresas do sector secundário representaram 35,1% do total

Fonte: Pordata, Banco BPI

Por áreas (faltam actividades que não se enquadram neste malha mais básica), e retirando a "Construção" que é uma componente unificada, podem-se destacar em termos de VAB o peso muito semelhante (perto dos 2.5% do VAB do sector secundário) da "Indústria têxtil, do vestuário, do couro, etc.", das "Indústrias alimentares, das bebidas e do tabaco" e da "Produção e distribuição de electricidade, gás, vapor e ar". Num patamar mais baixo (um peso que rondará os 1.5%), encontram-se a "Indústria da madeira, pasta, papel, cartão e impressão", a "Fabricação de artigos de borracha e de matérias plásticas" e as "Indústrias metalúrgicas de base e fabricação de produtos metálicos".

Valor acrescentado bruto: total e sector secundário (base=2011)

	Total	Indúst. extractivas	Indústrias alimentares, das bebidas e do tabaco	Indústria têxtil, do vestuário, do couro e dos prod. de couro	Indúst. da madeira, pasta, papel, cartão e impressão	Fabricação de coque e de prod. petrolíf. refinados	Fabricação de prod. químicos e de fibras sintéticas	Fabricação de produtos farmacêuticos	Fabricação de artigos de borracha e de mat. plásticas	Indústrias metalúrgicas de base e fabricação de prod. metálicos
2010	158,325.86	713.96	3,567.82	3,363.42	2,446.93	430.81	805.62	427.95	2,517.62	2,334.43
2011	154,242.77	650.08	3,417.69	3,384.29	2,262.38	309.79	813.95	428.53	2,411.81	2,236.28
2012	147,361.56	635.71	3,354.07	3,374.39	2,097.03	255.54	671.53	449.12	2,296.41	2,157.53
2013	149,768.41	569.86	3,509.03	3,563.44	2,107.09	211.23	708.65	487.1	2,295.29	2,198.53
%; 2013	100.0%	0.4%	2.3%	2.4%	1.4%	0.1%	0.5%	0.3%	1.5%	1.5%

	Fabric. de equip. informáticos, equip. p/ comunicação, produtos electrónicos e ópticos	Fabric. de equip. eléctrico	Fabric. de máquinas e equip., n.e.	Fabric. de material de transporte	Indúst. transf., n. e.; reparação, manut. e inst de máq. e equip.	Prod. e distrib. de electricidade, gás, vapor e ar frio	Captação, trat. e distrib. de água; saneamento, gest. de resid. e despoluição	Construção.
2010	575.85	668.31	711.96	1,283.72	1,687.66	3,342.86	1,715.23	9,225.76
2011	451.98	605.7	653.62	1,323.93	1,659.29	3,193.22	1,785.05	8,464.54
2012	398.87	556.54	701.14	1,258.17	1,595.89	3,393.76	1,795.64	7,171.31
2013	406.52	579.37	737.75	1,292.90	1,582.63	3,387.07	1,763.02	6,751.09
%; 2013	0.3%	0.4%	0.5%	0.9%	1.1%	2.3%	1.2%	4.5%

Fonte: Pordata, Banco BPI

Em 2013, do total dos sectores de actividade, a percentagem de investimento do sector secundário foi de 42.5%, destacando-se as "Indústrias transformadoras" com 22.4% e a "Electricidade, gás e água" com 17.7%. Contudo, não deixa de ser uma situação enganadora porque ocorreu uma forte contracção do investimento entre 2010 e 2013, correspondendo a um total de -32.5%. Na "Construção" verificou-se uma diminuição do investimento de 86%, seguindo-se a "Electricidade, gás e água" com uma diminuição de 30%, as "Indústrias Extractivas" com -25% e, por fim, as "Indústrias Transformadoras" com -17%.

Formação bruta de capital fixo das empresas não financeiras: total e por sector de actividade

milhões de euros

	Total	Agríc., prod. animal, caça, silvicult. e pesca	Indúst. extract.	Indúst. transform.	Electrec. gás e água	Const.	Com. p/grosso e a retalho (...)	Transp. e armazen.	Alojamento, restauração e similares	Activ. financ. e de seguros	Activ. imob.	Educação	Activid. de saúde humana e apoio social	Outros sectores
2010	18,303.70	627.7	167.8	3,116.50	2,911.60	1,099.50	2,268.90	1,853.90	1,005.80	1,171.60	133.6	598.5	3,348.20	17,743
2011	15,785.20	525	146.4	3,409.10	2,575.90	885.4	1,807.70	1,253.20	752.6	687.9	93.7	425.9	3,222.40	16,760
2012	10,704.80	500.8	122.5	2,306.90	1,858.00	478.1	1,232.50	581.9	657.9	567.3	73.8	322.4	2,002.90	15,601
2013	11,577.50	596	126.2	2,594.80	2,046.50	156.4	1,459.20	574	668.4	536.2	52.5	376.2	2,391.10	15,319
%; 2013	100.0%	5.1%	1.1%	22.4%	17.7%	1.4%	12.6%	5.0%	5.8%	4.6%	0.5%	3.2%	20.7%	18.9%

em 2013, a FBCF do sector secundário foi de 42,5% do total

Fonte: Pordata, Banco BPI

Do lado do endividamento das sociedades, em 2014, as empresas não financeiras correspondentes ao sector secundário representavam 44.6% do total. Daqui, 16.2% do endividamento pertencia às "Indústrias transformadoras e extractivas", 14.9% pertencia à "Electricidade, gás e água" e 13.5% à "Construção". Mesmo assim, a globalidade do sector viu diminuir em mais de 5% o endividamento entre 2010 e 2013. Mas na "Construção" a contracção foi de 23% e nas "Indústrias transformadoras e extractivas" de 13%. Inversamente, no mesmo período, a "Electricidade, gás e água" aumentou o endividamento em 35%, tendo sido criadas importantes infra-estruturas nesta área.

Endividamento das sociedades não financeiras privadas: total e por sector de actividade económica

milhões de euros

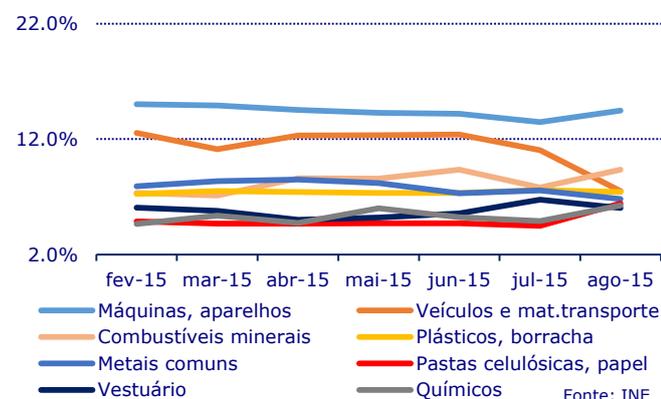
	Total	Indúst. transf. e extractivas	Elect., gás e água	Const.	Comércio p/grosso e a retalho (...)	Transp. e armazenagem	Aloj., restauração e similares	Activ. de Inform. e comunic.	Activ. imob.	Activi. de consultoria, téc. e administ.	Educ., saúde, apoio social, activ. artísticas (...)	Outros sectores
2010	249,401.30	43,616.80	25,944.00	41,450.30	48,076.70	15,507.40	8,234.40	13,620.80	25,634.30	16,775.00	6,480.30	4,061.40
2011	249,159.70	43,161.80	29,045.00	39,678.10	46,652.40	15,285.40	8,888.80	13,296.60	24,656.10	18,062.70	6,314.10	4,118.80
2012	248,132.40	40,797.10	33,992.50	36,136.90	44,058.00	16,467.50	10,049.00	13,587.30	24,465.70	18,086.10	6,280.50	4,212.00
2013	242,453.00	40,306.80	33,463.70	33,533.50	42,167.90	18,147.90	10,352.10	13,192.40	23,305.60	17,762.70	5,943.70	4,277.00
2014	235,152.50	38,120.30	35,051.80	31,757.50	40,420.10	18,597.90	10,176.60	11,060.10	22,593.30	17,413.00	5,688.80	4,273.20
%; 2014	100.0%	16.2%	14.9%	13.5%	17.2%	7.9%	4.3%	4.7%	9.6%	7.4%	2.4%	1.8%

em 2014, o sector secundário representava 44,6% do endividamento das sociedades

Fonte: Pordata, Banco BPI

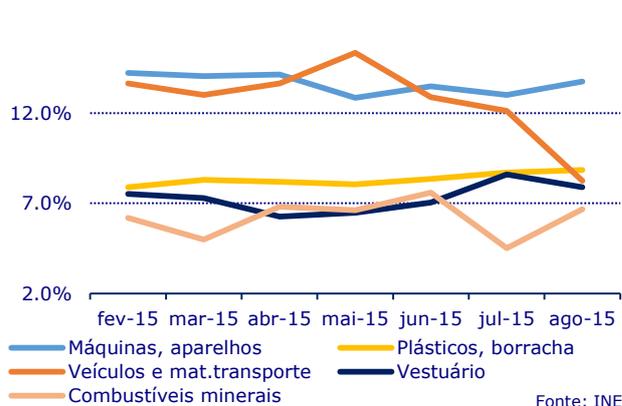
Comércio Internacional - Exportações de bens (FOB) por grupos de produtos

(peso relativo dos grupos de produtos mais relevantes)



Comércio Intra-UE - Exportações de bens (FOB) por grupos de produtos

(peso relativo dos grupos de produtos mais relevantes)



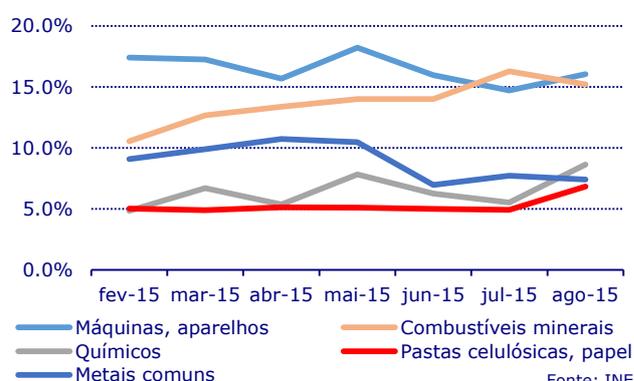
Ao nível do comércio internacional, dentro das exportações destaca ao longo do ano a performance e o peso da venda de "Máquinas e aparelhos" e de "Veículos e material de transporte", produtos de alto valor acrescentado e de uso de mão-de-obra altamente especializada e qualificada. Entretanto, nos últimos meses, aconteceu uma queda expressiva da importância dos "Veículos e material de transporte", surgindo em segundo lugar os "Combustíveis minerais".

OPINIÃO

No comércio intra-UE, as classes mais exportadas são igualmente as das “Máquinas e aparelhos” e de “Veículos e material de transporte”, embora a referida queda deste último grupo tenha permitido surgir o grupo dos “Plásticos e borracha”. Também o “Vestuário” e os “Combustíveis minerais” têm um peso relevante. Já no comércio extra-UE destacam-se dois grupos, as “Máquinas e aparelhos” e os “Combustíveis minerais”.

Comércio Extra-UE - Exportações de bens (FOB) por grupos de produtos

(peso relativo dos grupos de produtos mais relevantes)



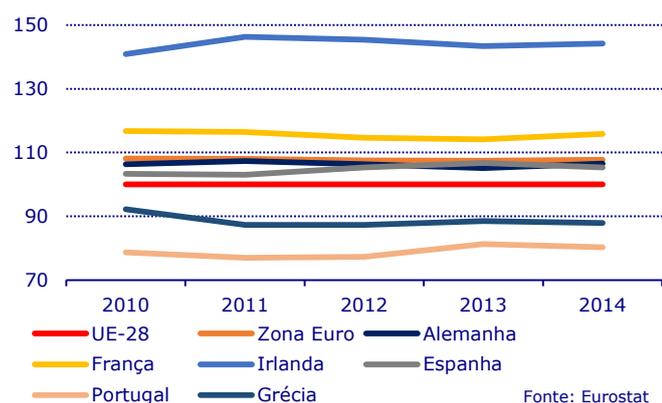
4. COMPARAÇÕES INTERNACIONAIS E ALGUNS CONSTRANGIMENTOS

Em termos europeus é interessante fazer algumas comparações, nomeadamente ao nível da produtividade, despesa em I&D, inovação, etc.. De facto, um dos graves problemas que se coloca ao nível da actividade económica em Portugal é o da produtividade. Dos quatro países que receberam envelopes financeiros de instituições europeias e internacionais, Portugal é o que está mais mal posicionado a este nível. A Irlanda é o campeão da produtividade, destacando-se de forma significativa de outros países europeus com um valor perto dos 145% (UE28=100). A Espanha ainda se posiciona acima da média dos países da UE28, mas ligeiramente abaixo do valor da Zona Euro. Por fim surgem a Grécia e Portugal com valores de 88% e 80%, respectivamente.

Maior produtividade terá de ser nos próximos anos um verdadeiro desígnio nacional. Para alcançar os níveis de outros países europeus será necessário investir na modernização da indústria, não apenas na evolução tecnológica (que é importante e necessária), mas igualmente na componente operacional e nos métodos de trabalho (métodos tipo “Lean” ou “Kaizen”). Existe ainda a questão dos custos laborais. A mão-de-obra em Portugal tem um custo bastante mais baixo em relação à média da UE28, o que pode trazer efeitos negativos para a produtividade (aposta num retorno rápido do investimento, não havendo uso de uma tecnologia mais avançada e mais dispendiosa).

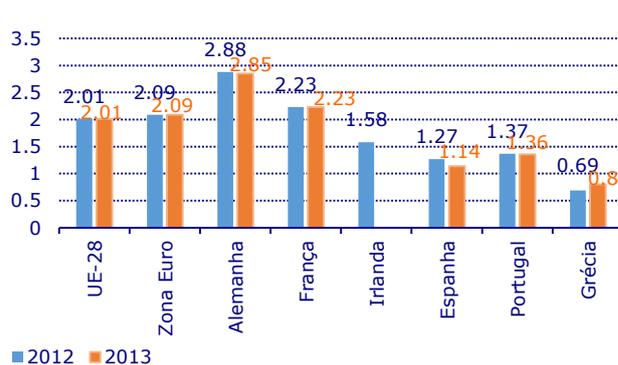
Produtividade do Trabalho por pessoa empregada e hora trabalhada

(% (UE-28=100))



Despesa interna bruta em I&D (% do PIB)

(%)

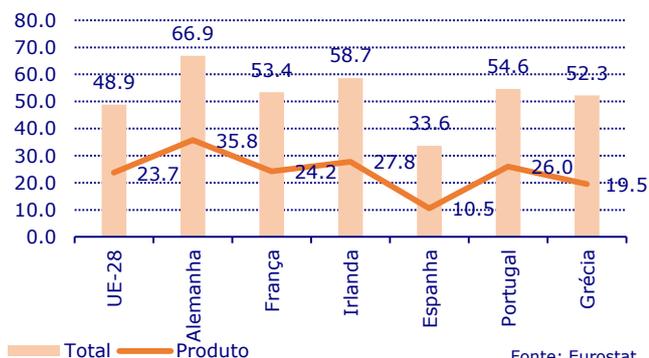


No que respeita à despesa interna bruta em Investigação e Desenvolvimento (% do PIB), os valores relativos de Portugal encontram-se abaixo das médias da UE28 e da Zona Euro, embora estejam melhor comparativamente a Espanha e à Grécia. Mas mais do que um maior investimento em I&D são igualmente importantes os resultados. E, aparentemente, em Portugal, a criação de valor pelo desenvolvimento de novos produtos/serviços (inovação) tem ficado aquém das expectativas, face ao capital investido. Contudo, é verdade que nos últimos anos tem havido um maior esforço financeiro e humano em I&D (maior abertura ao conhecimento/Universidades/Governos).

Por outro lado, existe uma maior abertura das empresas portuguesas à inovação. Face aos outros países considerados para a análise, a situação em Portugal é bastante positiva, nomeadamente em relação ao cenário de Espanha (descontando que o país tem uma dimensão considerável e nem todas as regiões estão ao mesmo nível) e ao de França.

Empresas inovadoras - total* e no produto - 2010-2012

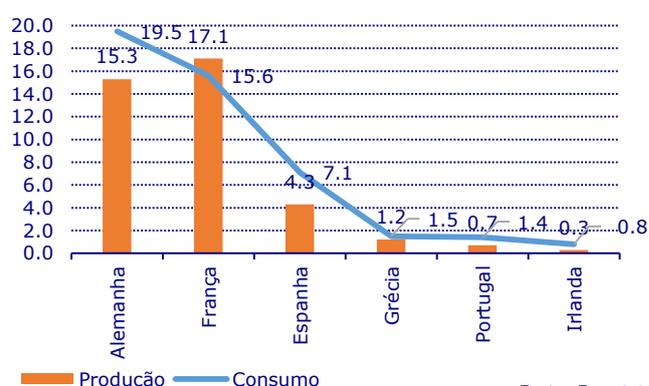
(% do total de empresas de cada país)



Fonte: Eurostat
 Nota: * inovação tanto através do produto, como processo de produção, organização ou marketing

Produção e Consumo de Energia, 2013

(peso de cada país face ao total da UE-28, %)

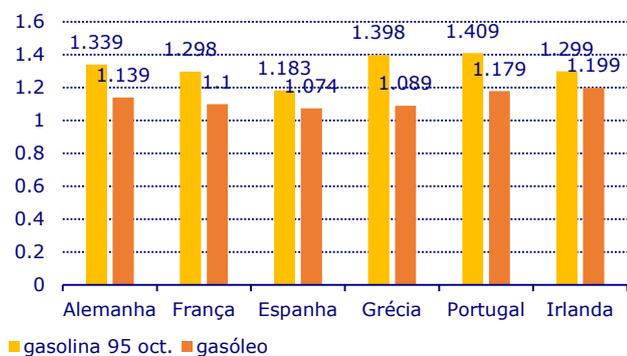


Fonte: Eurostat

Entretanto, existe um factor igualmente determinante para a indústria, sendo das principais preocupações das empresas – os custos com a energia. É uma factura com grande peso para a generalidade das empresas, tanto pelo impacto directo dos custos, como pelo enfraquecimento da competitividade em relação a empresas concorrentes a nível internacional, com acesso a energia mais barata. Portugal, tal como grande parte dos países europeus, consome mais do que produz, estando dependente do preço internacional tanto dos combustíveis, como da electricidade e do gás natural. Por exemplo, face aos nossos principais concorrentes directos, as empresas industriais espanholas, os nossos custos energéticos são genericamente superiores. Felizmente, o actual momento é de desagramento deste custo, sendo um bom período para promover a competitividade das empresas e dos produtos no âmbito dos vários factores de produção.

Preços correntes finais ao consumidor (com imposto)

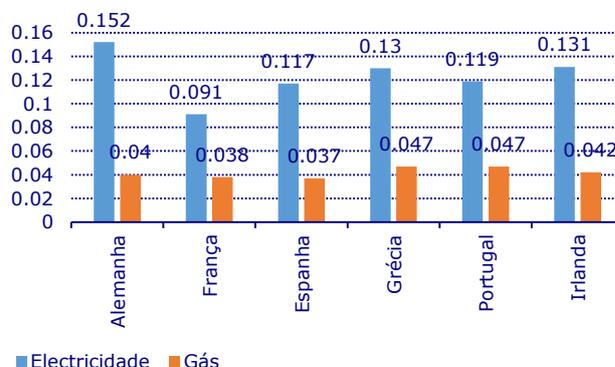
(euros por litro)



Fonte: Fuel-prices-europe.info

Preços finais à Indústria, 2014

(euros (Kwh; 10 000 GJ))



Fonte: Eurostat

Para as empresas exportadoras, crescem os custos com a logística. Muitas das práticas e infra-estruturas são adequadas a uma realidade que, entretanto, se alterou – o país deixou de importar mais do que exportava, invertendo-se a situação. Nesta base, há um custo adicional trazido por problemas de adequação das infra-estruturas de suporte. Com efeito, dada a especificidade dos produtos e dos destinos, o transporte rodoviário é mais adequado às importações (por isso o seu grande desenvolvimento) e o transporte marítimo e ferroviário mais estratégico e facilitador às exportações.

OPINIÃO

5. SITUAÇÃO GERAL

-Houve uma melhoria do ambiente económico e de negócio, para além de uma diminuição dos custos dos factores de produção (grande relevância para o custo energético), passado o período de maior incidência da crise.

-A produção industrial está a progredir positivamente, nomeadamente ao nível dos bens de consumo e de bens intermédios, para além dos bens duradouros.

-Também ao nível da competitividade da indústria e das empresas nacionais verificou-se uma melhoria, embora ainda seja um movimento curto. Existe necessidade de investir em tecnologia, organização operacional e métodos de trabalho.

-É reconhecido que a inovação é uma condição fundamental para promover a competitividade das empresas industriais. Portugal não está mal posicionado em termos de investimento das empresas em I&D, embora alguns resultados não sejam os esperados.

-O custo do trabalho não é homogéneo nas diferentes actividades, assim como o grau de especialização da mão de obra.

-O Estado continua a ter um papel importante no suporte das empresas exportadoras, para além da necessidade de reorganização e dinamização das infra-estruturas de suporte às exportações. Necessidade de estabilização do sistema fiscal, factor relevante nos índices comparativos internacionais.

-O financiamento e reforço de capital é vital ao sector, neste período de retoma económica, depois das dificuldades anteriores.

-Dentro do sector secundário, a indústria transformadora é mais intensiva tanto em capital como em mão-de-obra, tendo maior peso em termos de criação de riqueza.

-Nas exportações ganha peso a venda de produtos altamente sofisticados como as “Máquinas e aparelhos” e “Veículos e material de transporte”. Foi importante a penetração destes produtos em mercados muito exigentes, como o europeu.

-Existe um novo quadro comunitário – Portugal 2020 – que vigorará entre 2014 e 2020, num montante de 21.5 mil milhões de euros (considerando a agricultura e pescas o valor global é de 26 mil milhões de euros). Este volume de financiamento é uma oportunidade ao desenvolvimento das empresas em todo o país dada a existência de programas regionais próprios. Existem igualmente quatro programas operacionais temáticos – competitividade e internacionalização; inclusão social e emprego; capital humano e a sustentabilidade; eficiência no uso dos recursos. Os objectivos são: estímulo à produção de bens e serviços transaccionáveis; incremento das exportações; transferência de resultados do sistema científico para o tecido produtivo; cumprimento da escolaridade obrigatória e redução dos níveis de abandono escolar; reforço da coesão territorial; promoção do desenvolvimento sustentável.